

Gonçalves, J. (2014). *A Paz dos Moçambicanos*. Beira: CIEDIMA.

Rafael Sapato

Universidade Católica de Moçambique

rsapato@ucm.ac.mz

A Paz dos Moçambicanos é o título do livro da autoria de D. Jaime Pedro Gonçalves, Arcebispo Emérito da Beira lançado em 2014.

O autor, na introdução da sua obra, apresenta as motivações que o levaram a escrever o livro com o título *a Paz dos Moçambicanos*.

Após a sua introdução, contextualiza os esforços e o envolvimento da Igreja no processo de busca da paz. D. Jaime faz um breve historial da violência em Moçambique.

Mostra, ainda, como a Igreja esteve sempre atenta ao sofrimento do Povo, agravado com a “guerra fratricida” de dezasseis anos entre as forças do Governo Moçambicano e a Resistência Nacional de Moçambique. O autor está convencido que a conquista da paz deveu-se aos próprios Moçambicanos que “se convenceram que podiam resolver o problema das suas lágrimas e recuperar a alegria de viver através de um processo próprio de reconciliação nacional.” Está patente, no seu livro, que o envolvimento das populações foi determinante para a busca da Paz e a reconciliação nacional.

Regista, também, vários momentos, esforços de reconciliação e tentativas de pôr fim à guerra civil. Infelizmente nenhum desses esforços trouxe a paz desejada. Como ele afirma “a paz não apareceu por aqui.”

Indo ao cerne da Obra, o autor refere que, as Religiões de Moçambique, sobretudo, os Muçulmanos, o Conselho Cristão de Moçambique e a Igreja Católica se uniram, e assumiram a causa da paz e “se lançaram” sem poupar esforços na busca da Reconciliação Nacional. Neste âmbito, a “nova” Conferência Episcopal de Moçambique (CEM), constituída maioritariamente por Bispos Moçambicanos, decidiu empenhar-se na busca da paz, aceitando todos os riscos. Em Novembro de 1987, a CEM decidiu “fazer algo” mais concreto. Entre várias acções formou uma comissão para convencer o Governo para o diálogo para a paz e outra para a busca do diálogo com a Renamo, composta por D. Alexandre José Maria dos Santos, então Arcebispo de Maputo e D. Jaime Pedro Gonçalves, então Arcebispo da Beira e Presidente da Comissão Justiça e Paz. As duas Comissões reconheciam ser um “trabalho cheio de espinhos”.

O autor faz-nos conhecer os caminhos tortuosos de busca da Renamo. Outro momento marcante é o da viagem à Gorongosa para se encontrar com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama. O encontro com Afonso Dhlakama aconteceu e alimentou a esperança da paz. O receio era como informar ao Presidente da República. Felizmente, o Presidente da República, Joaquim Chissano, foi receptivo.

É evidente no livro outro aspecto difícil, mesmo o mais difícil, foi o da construção da confiança entre as partes em conflito e estas com os mediadores. Sem dúvida, a assinatura do Acordo Geral de Paz no dia 4 de Outubro de 1992, em Roma, com o envolvimento do governo Italiano e a Comunidade de St. Egídio e o próprio D. Jaime, como mediador, foi o momento mais emocionante de todo o processo.

Quase a finalizar a sua obra, o autor mostra que não é suficiente assinar o Acordo de Paz; é importante tomar iniciativas e desenvolver actividades que visem a consolidação da paz e a manutenção do espírito de reconciliação nacional. E conclui o seu livro, apelando a todos para “Nunca mais a Guerra e Paz para Sempre pela reconciliação”.

O meu comentário crítico - O livro *A Paz dos Moçambicanos* é uma obra oportuna e providencial, num momento que a sociedade se debate com muita variedade de violência, o que requer muita luta para aquisição de uma verdadeira paz. Verdadeira paz, por que sabe-se que a Paz é conceito muito usado, mas parece nem sempre com a mesma visão, pelo facto que há quem pensa que paz é ausência da guerra ou o silêncio das armas. Há quem pense que paz é o silêncio das pessoas, um silêncio para evitar riscos. Para Paulo VI o Desenvolvimento é novo nome da Paz (Paulo VI, 1967, 76). Subscrevo, dado que um verdadeiro desenvolvimento é aquele que assegura a serenidade de espírito.

Encontro muitas semelhanças entre o livro *A Paz dos Moçambicanos* e o livro do Êxodo (Bíblia, 2001). D. Jaime abre o seu livro com oito momentos de violência, sem incluir a recente violência em Santunjira (Província de Sofala, Moçambique) e arredores. A oitava violência é o conflito armado entre o Governo da Frelimo e a Renamo. Nos inícios do livro do Êxodo, temos uma série de pragas cujo número não anda muito longe do número das violências mencionadas no I capítulo da *Paz dos Moçambicanos*.

D. Jaime intitula o segundo capítulo: *Os moçambicanos choram a sua guerra*. Lembramos a situação do povo israelita no Egipto, quanta queixa, quanto choro.

Com uma linguagem muito poética D. Jaime introduz o III capítulo dizendo: *Os moçambicanos buscam a solução das suas lágrimas*. Faz uma exposição sobre os vários momentos da busca da reconciliação. Na busca de reconciliação entre o Governo e as Religiões, a Igreja católica aparece como aquela que foi atacada e acusada de várias coisas no passado. É sintomático que foi ela que se dedicou muito e desenhou um projecto para a Paz. D. Jaime faz parte deste processo. É caso para dizer “a pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se pedra angular” (cf. Mc 12,10).

Como parte do projecto para a Paz, da Conferência Episcopal de Moçambique, figuravam a busca da Renamo, busca do diálogo e do entendimento, entre receios e medo. Buscas coroadas de êxito. Lendo o livro do Êxodo encontramos várias tentativas de solução. O povo israelita que se dirige a Moisés e este ao Senhor. O Senhor manda-lhe enfrentar o Faraó; Moisés receia e o Senhor encoraja-o e insiste; e o Êxodo teve lugar.

Dedica um capítulo das dificuldades no caminho do processo, uma delas foi a construção da confiança entre as partes em conflito. Na caminhada do Êxodo temos como dificuldades o mar vermelho, a falta de comida, as serpentes, a falta de água.

Nos inícios do livro do Êxodo temos as pragas. No decurso do Êxodo Moisés foi ao monte Sinai e voltou com os Dez Mandamentos da Lei de Deus, o Decálogo. D. Jaime abre a sua obra com oito momentos ou tipos de violência e fecha com as dez bases da Paz. Eu chamo a estas bases, o Decálogo da Paz. É um decálogo que recomendo vivamente o seu conhecimento, a sua interiorização e mesmo inclusão nos currículos de ensino e aplicação por todos nós e, de modo particular, os actores políticos.

Como crítica, na minha modesta opinião, podia ter desenvolvido um pouco mais o próprio momento negocial, isto é, as rondas negociais, assim como os protocolos. As principais dificuldades para além da falta de confiança. Este facto poderia ajudar a perceber mais facilmente o porquê da eclosão do conflito de Santunjira, depois de mais de 20 anos de Paz. Houve-se dizer que são questões que se prendem com a aplicação do acordo. Me parece que foi mais exaustivo na descrição dos passos dados para se chegar às conversações.

Não obstante este aspecto crítico, agora referido, a Obra de D. Jaime marca um momento de reflexão que pode ajudar a perceber algumas das implicações sócio-históricas, no quadro de um processo em que todos somos chamados a participar e a comprometermo-nos: *A Paz dos Moçambicanos*.

Referências Bibliográficas

Alves, H. (Coord.) (2001). *Bíblia Sagrada* (3ª Ed.). Lisboa: Difusora Bíblica.

Paulo VI (1967). *Populorum progressio*. Acedido a 27 de Novembro de 2014 em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.html